

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

MARIA FERNANDA DE LEMOS GOMES

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A CRIANÇA HOSPITALIZADA: O
BRINCAR**

**MARINGÁ
2013**

MARIA FERNANDA DE LEMOS GOMES

A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A CRIANÇA HOSPITALIZADA: O BRINCAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá – UEM, como parte das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia.

Orientação da Prof^a Dr^a Aparecida Meire Calegari-Falco.

MARINGÁ
2013

A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A CRIANÇA HOSPITALIZADA: A LUDOTERAPIA¹

Maria Fernanda de Lemos Gomes²
Aparecida Meire Calegari-Falco³

RESUMO

A atuação do pedagogo na Pedagogia Hospitalar, vem detalhar as vicissitudes a serem desempenhadas a partir do método utilizado com a criança hospitalizada. A ludoterapia é um processo psico-terapêutico que emprega como método de tratamento a utilização de brincadeiras, o que facilita ao pedagogo ajudar a criança a expressar seus sentimentos e até conflitos, integrando-a ao seu meio familiar e social. Levando em consideração a importância do brincar nesse meio, como forma de intervenção, estímulo e recuperação da criança doente, destacamos a função do pedagogo frente a esse campo epistemológico de modo a entender o sentido além da escola por meio do lúdico, ressaltando a importância no brincar durante o tratamento, propiciando a criança momentos de interação com o brincar, e proporcionando a ela momentos de prazer, minimizando assim as causas de sua internação.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia Hospitalar. Brincar. Crianças hospitalizadas.

ABSTRACT

The actuation of the pedagogue in Hospital Pedagogy comes detailing the events to be performed from the method used with the hospitalized children. The ludotherapy is a psycho-therapeutic process that employs as a method of treatment the use of jokes, what makes the pedagogue helps the children to express their feelings and even conflicts, integrating it to your family and social environments. Taking into consideration the importance of playing in this environment, as a form of intervention, stimulus and recovery of the sick children, we highlight the role of the pedagogue in order to understand the meaning in addition to the school through the playful, emphasizing the importance in a play during treatment, providing the children moments of interaction with the play, and giving it moments of pleasure, thus minimizing the causes of their hospitalization.

KEY WORDS: Education. Hospital Pedagogy,.Play. Hospitalized Children.

¹ Artigo apresentado à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências para a conclusão do curso de Pedagogia.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

³ Professora orientadora do Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá.

Introdução

Atualmente o Pedagogo é um profissional que pode atuar em campos escolares e não escolares, e conseqüentemente a organização do trabalho pedagógico será adaptado para o campo de atuação. De acordo com Calegari (2010) “tais conceitos articulados ao curso, docência, gestão e conhecimento estabelecem um novo perfil do pedagogo [...] não apenas por ser a sua base, mas por expressar uma nova concepção de docência”.

Calegari 2010 *apud* Souza Neto et al. (2009) apregoam que algumas conceituações estão carregadas de aspirações políticas e ideológicas e extrapolam a simples definição semântica das palavras; o que se aplica de forma veemente no caso da definição de espaços formais, não-formais, escolares e não-escolares de atuação do pedagogo.

[...] considerando que podemos identificar claramente o novo paradigma produtivo nas reformas que afetam diretamente essa formação, as quais caminham na direção de valorizar e/ou exigir um trabalhador com formação mais completa e flexível, apto para atuar em novas funções. No caso específico do pedagogo, sua atuação não se restringe basicamente à escola em razão da amplitude do conceito de educação na sociedade e das possíveis intervenções pedagógicas fora do âmbito escolar que esse profissional pode desempenhar (CALEGARI, 2010, p. 26).

O objetivo deste artigo visa mostrar a contribuição do pedagogo na recuperação da criança hospitalizada, visando colaborar com o tratamento utilizando o brincar.

Atuação do pedagogo ocorrerá dentro do contexto educacional formal ou não formal. O autor destaca ainda algumas áreas na qual o pedagogo pode atuar classificados por áreas específicas, atendimento a criança com problemas, a juventude, terceira idade, educação do campo, pedagogia hospitalar, educação de adultos, a pedagogia empresarial e a ecopedagogia, que visa pensar os problemas ambientais.

Com base em Assis,

A educação é para o homem e pelo homem, onde quer que ele esteja, e o pedagogo, seja ele professor ou gestor é responsável pelo estabelecimento do diálogo entre este homem e o processo formativo que eles, juntos, podem e devem construir (CALEGARI, 2010, *apud* ASSIS, 2007, p. 165).

A partir da necessidade de mudança o processo de ensino deixa de ser apenas de âmbito escolar, isso se percebe pela amplitude que o curso de Pedagogia abrange fora da escola. Em meio às necessidades da contemporaneidade no setor educacional, as reformulações no trabalho desenvolvido pelo Pedagogo desempenham um papel fundamental para a ampliação do conceito educação,

Um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais na contemporaneidade é a ampliação do conceito de educação, compreendendo-o de forma plurifacetada, que ocorre em diversos locais, sob várias modalidades, institucionalizadas ou não (CALEGARI, 2010, p. 54).

A prática pedagógica utilizada pelos profissionais da educação necessita de flexibilidade de acordo com o atendimento de cada criança, e o seu tempo de internação. Para desenvolver esse atendimento, os professores devem ter um papel essencial na qualidade do ensino aprendizagem, e com isso, buscar apoios familiares para amenizar o estado patológico da criança (CABRIERA org et.al.2012, p. 170).

A presença da Classe Hospitalar auxilia a criança a conviver com a debilitação e a internação, período muitas vezes apavorante para ela, e com o apoio do pedagogo esse momento se torna passageiro. A figura do pedagogo surge com a possibilidade de fazer a criança perceber seu estado de saúde, e facilitar com que ela não se afaste do convívio escolar, independente da patologia que possua.

Dentre todas as possibilidades em que o pedagogo pode atuar, direcionaremos o olhar para a pedagogia hospitalar que é o foco desta pesquisa.

A legislação reconheceu segundo o estatuto da Criança e do Adolescente, por meio da Resolução nº. 41 de 13 outubro de 1995, que trata do Direito da Criança e Adolescentes hospitalizados, disposto no art.29: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar” (CONANDA, 1995, p.15).

Conforme Calegari (2010), a Pedagogia Hospitalar precisa ser concebida em uma vertente epistemológica que permite vislumbrá-la como uma área científica articulada com uma práxis e não como uma visão puramente assistencialista e caritativa.

A Pedagogia Hospitalar está mais intimamente ligada com a saúde e com a vida da criança do que com sua instrução e aprendizagem. Não se mantém fechada no seu formalismo sistemático, em que a criança deve adaptar-se ao currículo previamente proposto, flexibiliza-se este currículo, adaptando-o ao estado biopsicosocial em que a criança se encontra. Sob esse ponto de vista, a Pedagogia Hospitalar aparece como uma Pedagogia do presente, do momento (CALEGARI, 2003, p. 73).

É preciso compreender com clareza a atuação a ser desenvolvida pelo pedagogo e suas intervenções fundamentais para o atendimento a ser desempenhado no ambiente hospitalar.

O pedagogo Hospitalar no atendimento pedagógico deve ter seus olhos voltados para o todo, objetivando o aperfeiçoamento humano, construindo uma nova consciência onde a sensação, o sentimento, a integração e a razão cultural valorizem o indivíduo. (ESTEVES s/d, p.7)

A Classe Hospitalar visa atendimento pedagógico e emocional com a criança, que se encontram hospitalizadas para tratamento médico, e condições de saúde fragilizada, naturalmente, impossibilitada de compartilhar a rotina com a família, escola e sociedade. Esse atendimento busca para a criança um ambiente acolhedor e humanizado, possibilitando assim, que a criança seja vista em sua totalidade durante o processo de internação, e que seus interesses e necessidades sejam atendidas tanto para reintegração escolar quanto para o seu retorno no cotidiano social.

A Classe Hospitalar pode auxiliar a criança e o adolescente a conviver com a debilitação e a internação, período esse muitas vezes apavorante para eles, e torna o momento algo passageiro e que ainda pode favorecer a aprendizagem com a realidade imposta, percebendo que não é preciso se privar de seu cotidiano, mas sim interligar o mundo em que eles viviam com o novo mundo (hospital), para poder auxiliar posteriormente na volta a seu mundo real, que é a casa, a família, a escola e os amigos, visto que a Classe Hospitalar

trabalha com a criança e o adolescente em si, como um sujeito único que tem sentimentos que devem ser respeitados. Quando isso acontece, estes tendem a apresentar uma confiança maior em quem está a sua volta, e isso certamente contribuirá favoravelmente em sua recuperação. (CALEGARI, 2010, p. 74)

Enquanto a criança recebe o tratamento hospitalar não há empecilho para que ela possa adquirir conhecimento, capaz de favorecer o seu desenvolvimento pessoal. A Classe Hospitalar surge com o intuito de proporcionar a criança hospitalizada interação da mesma com a escola, pois a educação concedida neste ambiente utiliza recursos diferenciados e métodos que possam dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem.

A criança que necessita de idas constantes aos hospitais acaba enfrentando obstáculos e situações que dificultam seu convívio social e familiar, ausências escolares, e acrescenta-se neste caso a necessidade de criar novos horários, rotinas e o convívio com pessoas desconhecidas, situações que não faziam parte da vida da criança. Isso acaba afetando tanto a criança quanto os pais, que também sofrem situações adversas no ambiente hospitalar causando assim, situações estressantes e desgastantes para ambos os lados.

Em se tratando do processo de hospitalização, é importante ressaltar que estar hospitalizado não deve significar exclusão. A criança nessa situação tem direito ao atendimento de suas necessidades e seus interesses. Trata-se de um cidadão com direito de aprender. Daí a necessidade de integração das áreas da saúde e educação. (CABRIERA org et.al.2012, p. 175).

Contudo é relevante criar artifícios que promovam ambientes na qual a criança possa enfrentar as dificuldades da hospitalização. As possíveis maneiras de amenizar essas condições incluem o brincar, um recurso tanto utilizado pela criança quanto pelos profissionais do hospital no intuito de lidarem com o flagelo da hospitalização.

O brincar é um instrumento lúdico que media a relação da criança com o mundo e acaba influenciando na maneira pela qual a mesma interage e se relaciona com o meio, sendo assim uma estratégia de cuidado com a criança hospitalizada. Segundo Segaspini,

o brincar tem como objetivo recrear, divertir, estimular, descobrir, ampliar a linguagem para uma melhor comunicação, socializar e

também cumprir sua função terapêutica, para aliviar as angustias e ansiedade. Ou seja, o brincar tenta amenizar a situação de hospitalização, tentando tornar o ambiente hospitalar mais agradável e menos traumatizante (2009, p.9).

Conforme Fonseca (2003) a interação e a mediação do adulto com o brincar da criança a auxilia em seu brincar com outras crianças, assim como em seu brincar sozinha e com outros adultos fora do seu convívio. Todavia, esse processo de desenvolvimento do brincar com a criança, está ligado diretamente com o seu relacionamento com as pessoas que o cercam.

De acordo com Friedmann:

[...] o brincar é essencial, para a criança, é o que a torna ativa e possibilita relações com outras crianças, além de estimular o desenvolvimento de potencialidades, uma vez que permite a troca de experiências, a análise, associação, criação, dentre outros (2006, p. 23).

O brincar para a criança é a maneira natural de expressão, essencial para o seu bem estar tanto mental, quanto social e emocional. No momento do brincar ela se envolve e fica comprometida com o que está fazendo, de modo a encontrar meios de solucionar os momentos difíceis, ou seja, cria um mundo onde pode expor suas emoções e conflitos.

O brinquedo também pode ser utilizado como recurso para incentivar as crianças, possibilitando assim atividades que a estimulem, divirta e amenize o ambiente, como é exposto por Vygotsky,

O brinquedo cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (1998, p. 112).

Segundo Cabriera et.al. (2012) as contribuições vigotskianas lembram que a criança inicia seu aprendizado antes da sua entrada na escola, sendo assim, o desenvolvimento e aprendizagem iniciam desde seu nascimento. Nesse sentido, o aprendizado humano pressupõe uma natureza social e um processo por meio daqueles que o cercam.

Para que isso se realize é necessário um amplo leque de atividades que beneficiem o enfrentamento da hospitalização, entre elas estão à utilização de brincadeiras estruturadas, que possibilitem assim efeitos positivos na recuperação da criança hospitalizada. Diante de alguns aspectos positivos do brincar vale a pena pensar sobre a possibilidade do brincar, como uma estratégia para o enfrentamento da hospitalização.

Com isso, a presença do pedagogo durante a aprendizagem e desenvolvimento da criança no ambiente hospitalar é de extrema relevância para o processo de adaptação da criança hospitalizada. O professor que acompanha a criança hospitalizada tem que estar atento as atividades que podem ser realizadas, pois, o mesmo é um mediador entre das interações da crianças naquele ambiente. Neste momento o brincar pode amenizar o sofrimento, aliviar os medos, proporcionar momentos de descontração a criança e fazer com que ela possa expressar seus sentimentos. O pedagogo dará condições para que o processo de ensino-aprendizagem não se esgote, desenvolvendo atividades inerentes ao momento em que a criança se insere utilizando nesse contexto o lúdico.

A partir das atividades lúdicas, mediada pelo brincar, é possível ao profissional de saúde (re) construir sua teia de relações com a criança e com a família que também se encontra vulnerabilizada em decorrência do processo de adoecimento de hospitalização do menor. Nessa perspectiva, o profissional de saúde passa é ser compreendido como aquele que além da assistência no intuito de restabelecer a saúde da criança, numa concepção de integralidade e cuidado humanizado valoriza o ser humano em sua individualidade, compreendendo suas reais necessidades, a partir de uma atitude de acolhimento. (MORAIS, s/d, p.3)

A aprendizagem e o desenvolvimento da criança estão presentes mesmo dentro do hospital, por intermédio da ludoterapia, o pedagogo vai estabelecer um relacionamento com a criança no momento em que estiver utilizando o brincar como forma de interação. No decorrer do período de internação a criança acaba se distanciando das pessoas e do meio em que vive e é a partir da mediação do pedagogo que esse distanciamento será amenizado, pois ocorrerá uma troca de relação, entre pedagogo e a criança, o que motivará a recuperação dela no seu tratamento.

A ludoterapia tem como proposta o atendimento psico-terapêutico por meio do lúdico utilizando as de brincadeiras e os jogos. De acordo Landreth, a ludoterapia é:

[...] uma relação interpessoal dinâmica entre a criança e um terapeuta treinado em ludoterapia que providencia a esta um conjunto variado de brinquedos e uma relação terapêutica segura de forma que possa expressar e explorar plenamente o seu self (sentimentos, pensamentos, experiências, comportamentos) através do seu meio natural de comunicação: o brincar (2002, p. 16).

O processo de ensino-aprendizagem por meio da ludoterapia torna-se prazeroso para a criança que está em um ambiente hospitalar, pois é um momento em que ela pode interagir com as demais crianças, o que significa que a criança pode se sentir bem mesmo estando em tratamento de saúde e em um lugar diferente do seu habitual. Desta forma o brincar contribui para a recuperação da criança.

A ludicidade tem um papel fundamental para o desenvolvimento da criança hospitalizada, pois estando hospitalizada e sabendo que o tratamento não será rápido, a própria criança acaba criando suas próprias barreiras o que muitas vezes acaba prejudicando no tratamento, no entanto, o pedagogo vem com a “missão” de interagir com elas e fazer com que não se sintam excluídas do campo escolar e do convívio social.

O lúdico permite um desenvolvimento global e uma visão do mundo mais real. Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade (DALLABONA e MENDES, s/d, p. 2).

As atividades lúdicas promovem avanços nas capacidades humanas superiores: de pensamento, imaginação, memória, linguagem, atenção, concentração, motricidade, socialização e domínio da vontade.

A criança vai adquirir conhecimentos por meio da exploração e manipulação dos brinquedos, e assim, explorar as suas próprias percepções e diferentes conceitos sociais junto do brincar e interação com o meio. Portanto, a importância de uma brinquedoteca em um espaço destinado a tal atividade dentro do hospital é essencial para que as crianças possam se desvincular do momento que está lhe agonizando, esse tempo que ela passa ao brincar

propicia a elas momentos de lazer, e amenizam o trauma psicológico da internação.

De acordo com Machado (1994) “... o brincar é um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos”. É relevante frisar, que o brincar acima de tudo motiva e dá prazer, porque ao brincar as crianças se distanciam do real, e vivenciam o ilusório, criando situações que ainda não aconteceram.

A brincadeira permite às crianças ir além do seu real, criando assim possibilidade de experimentar novas sensações. Ela acaba adquirindo mais conhecimento, aguçando assim a curiosidade e a vontade de aproveitar o momento. Para tanto, algumas opções de atividades lúdicas como contação de histórias, músicas, brinquedos, jogos, teatro e a brinquedoteca, contribuem para amenizar o sofrimento causado pela internação.

Considerações finais

No presente texto busca se compreender a importância do brincar com a criança hospitalizada, devido ao momento de fragilidade que a mesma se encontra, o cuidado integral com a criança apresenta resultados significativos no seu processo de recuperação.

Assim sendo, considerar que o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil e no qual facilita a sua reintegração no convívio social, pois através das brincadeiras as crianças são estimuladas a expressar seus sentimentos, ou seja, promove o seu desenvolvimento cognitivo, físico, social e psicológico. E com isso a partir do momento que o lúdico é trabalhado no âmbito hospitalar os traumas das crianças acabam minimizando e facilitando sua recuperação.

A partir de todos os autores Calegari, Fridmann, Segaspini se perceber que é fundamental a utilização do brincar como forma de aceitação do tratamento e a necessidade de todos os hospitais contarem com espaços com recurso necessários para a criança recrear, e compreender que é essencial a utilização do brincar no hospital.

A pedagogia hospitalar tende a oferecer segurança para a criança, pois neste contexto ela estará estabelecendo contato com o mundo exterior. Com

isso, é importante ressaltar é o papel do professor como mediador junto a criança e sua família.

Assim, a escola, por intermédio da atuação do pedagogo, leva os conteúdos para o contexto hospitalar e cria a criança um ambiente que a convida a continuar aprendendo e também ensinando, porque entendemos a dinamicidade do processo educativo, que nos toma até quando consideramos que estamos atuando no sentido de promover a aprendizagem. (CABRIERA org et.al.2012, p. 182).

Referências

CABREIRA, L. G. et. al. **Intervenção Pedagógica junto a criança hospitaliza: um olhar para a diversidade.** In: CARVALHO, E. J. G. FAUSTINO, R. C. **Educação e Diversidade Cultural.** ed. Maringá: Eduem, 2012.

CALEGARI-FALCO, Aparecida Meire. **O processo de formação do pedagogo para atuação em espaços não-escolares: em questão a Pedagogia Hospitalar.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre Educação e Saúde: Implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar.** Dissertação. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

CONANDA-Conselho **Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.** Resolução nº41, de 13 de outubro de 1995. Brasília, DF, 1995.

DALLABONA, Sandra R.; MENDES, Sueli M. S. **O lúdico na educação Infantil:** jogar, brincar uma forma de educar. Instituto Catarinense de Pós-Graduação. s/d.

ESTEVES, Claudia R. **Pedagogia Hospitalar:** um breve histórico. Disponível em:

<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-educacaosaude/classeshospitalares/WEBARTIGOS/pedagogia%20hospitalar...pdf>. Acesso em 04 de agosto de 2013

FONSECA, Eneide S. da. **Atendimento escolar no âmbito hospitalar.** São Paulo: Memnon, 2003.

FRIEDMANN, Adriana. **O desenvolvimento da criança através do brincar.** São Paulo: Moderna, 2006. P. 21-55.

LANDRETH, Garry L., **Ludoterapia:** A arte da Relação, Nova Iorque: Brunner-Routledge, 2002, 2.^a edição

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo sucata e a criança**. 4. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MORAIS, Gilvânia S. N. Obrincar na construção de um cuidado integral à criança hospitalizada. Disponível em: <http://189.75.118.68/cbcentf/sistemainscricoes/arquivosTrabalhos/I11128.E3.T2.317.D3AP.pdf>. Acesso em 11 de Março de 2013.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. **Brincar no hospital**: Estratégia de Enfrentamento da hospitalização infantil. Psicologia em Estudo, Maringá, v.9, n.1, p.19-28, 2004.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. **Brincar no hospital**: Câncer infantil e avaliação do enfrentamento da hospitalização. Psicologia, Saúde e Doenças, 2002, 3(1), 23-41.

SEGASPINI, Fabíola Vieira. **O brincar como instrumento terapêutico no tratamento de crianças com câncer**: A visão da família. 2009. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

VYGOTSKY, L.S. et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998 a.